

PROFESSORES E LEITURA: CARACTERÍSTICAS DE LEITORES EM FOCO

TEACHERS AND READING: CHARACTERISTICS OF READERS IN FOCUS

Maria da Conceição de Jesus Ranke **1**
Márcio Araújo de Melo **2**

Resumo: O artigo se constitui de um recorte de uma pesquisa mais ampla, realizada em 2016, que teve como objetivo identificar e analisar as relações que se estabelecem entre leitor e a leitura literária. Para isso, foram mobilizados estudos do campo do letramento literário transversalizados pela semiótica discursiva nas questões relativas ao envolvimento dos sujeitos com os objetos estéticos. A investigação qualitativa de cunho interdisciplinar consistiu num estudo de caso de caráter interpretativista. Para isso foram realizadas entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio com professores já licenciados e licenciandos pertencentes ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins. Como recorte, nesse artigo são analisadas as características enunciadas pelos participantes como definidoras de um leitor. Mediante análise é possível concluir que as concepções enunciadas sinalizam que as características que definem um leitor são aquelas que o configuram como um sujeito plural, evidenciando uma relação marcada por diversas faces, intenções e demandas.

Palavras-chave: Formação de Leitores. Letramento Literário. Leitura.

Abstract: The article consists of a section of a broader research, carried out in 2016, which aimed to identify and analyze the relationships established between reader and literary reading. To this end, studies in the field of literary literacy, mobilized by discursive semiotics, were mobilized on issues related to the subjects' involvement with aesthetic objects. The qualitative research of an interdisciplinary nature consisted of an interpretative case study. For this, semi-structured interviews were conducted and recorded in audio with professors already licensed and undergraduate students belonging to the Letters course in the Federal University of Tocantins. As a cut, in this article, the characteristics enunciated by the participants as defining a reader are analyzed. Through analysis, it is possible to conclude that the conceptions mentioned indicate that the characteristics that define a reader are those that configure him as a plural subject, showing a relationship marked by several faces, intentions and demands.

Keywords: Readers Development. Reading Literacy. Reading.

Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da **1**
Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Rede Pública Estadual
do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9248635046424377>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9141-0691>. E-mail: ceica.ranke@gmail.com

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. **2**
Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8573022714268801>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6665-4221>. E-mail: marciodemelo33@gmail.com

Introdução

Me considero um bom leitor sim [...]. **Eu gosto de ler, eu amo a leitura**, meu *hobby* é ler, [...] em momentos vagos eu prefiro a leitura, **se possível passo o dia todo lendo. Na cabeceira da minha cama hoje tem uma obra literária** (Informante Florentino).

[...] **quando eu posso, eu devo tudo. Devo qualquer tipo de leitura**. Eu não tenho uma preferência específica de dizer, eu só leio livros de ficção, só leio romances, **eu leio de um a tudo. Me interessou, tou lendo** (Informante Policarpo Quaresma).

Este trabalho se constitui de um recorte de uma pesquisa mais ampla, realizada em 2016, e que colocou em diálogo o campo de estudos letramento literário e a teoria semiótica discursiva com o objetivo identificar e analisar as relações que se estabelecem entre leitor e a leitura literária. A investigação consistiu numa pesquisa norteada, particularmente, por princípios qualitativos identificada como estudo de caso de caráter interpretativista.

Para a produção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas, bem como registros informais complementares foram produzidos mediante anotações de campo. A amostra do estudo foi constituída de 7 professores, já licenciados, de Língua Portuguesa e Literatura, que atuam na rede pública de ensino do Tocantins, e 6 licenciandos, pertencentes aos cursos de Letras dos campi universitários de Araguaína e de Porto Nacional, ambos da Universidade Federal do Tocantins, totalizando 13 participantes de pesquisa, sendo que todos se autodeclararam leitores.

A pesquisa empírica compreendeu o período de janeiro a agosto de 2016, sendo que foi nesse período que estabelecemos nossos primeiros contatos para escolher os participantes do estudo e efetivamos as entrevistas semiestruturadas com os mesmos. É importante acrescentar que todos os participantes aceitaram, mediante explicação sobre o caráter e o objetivo, espontaneamente, fazer parte da pesquisa como informantes.

No que diz respeito à escolha dos participantes, esse processo se efetivou no decorrer do período acima mencionado. O critério que utilizamos foi o fato de todos se autodeclararem leitores literários, seja como licenciandos, isto é, professores em formação inicial, pertencentes a um curso de Letras, seja como licenciados já atuando como docentes de língua portuguesa e literatura. Assim, a exemplo das epígrafes transcritas na abertura deste texto introdutório, todos os 13 participantes foram selecionados em razão de se autodeclararem leitores; indivíduos que se *interessam* e possuem uma relação estreita com a leitura; leitores que se *envolvem* em leituras literárias; leitores que *amam* a leitura.

Desse modo, nosso interesse desde a seleção inicial dos participantes esteve voltado para a possibilidade de conhecer e descrever as relações exitosas com a leitura literária partindo de uma figura central de um leitor em específico: o professor. Esteve em nosso horizonte de delimitações prévias, também, que a investigação envolveria trajetórias distintas e contíguas do processo de formação desse profissional, ou seja, procuramos trazer para o estudo tanto docentes que estivessem em formação inicial na licenciatura em Letras da UFT, quanto professores que já estivessem em serviço, no campo do trabalho.

Cumpramos ressaltar que todos os participantes concordaram em participar do estudo e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) mediante explicação sobre os objetivos da investigação e sobre a forma de preenchimento e devolução do formulário que ocorreu, praticamente via e-mail.

No que se refere ao procedimento de identificação dos participantes, sugerimos, visando a preservação das suas identidades, que eles próprios escolhessem um nome de algum

personagem de obra literária de que gostassem, para se auto identificarem. A ideia foi acatada praticamente por todos e se autonomaram. Por esse motivo os nomes utilizados neste artigo são pseudônimos e não guardam relação com os nomes originais dos participantes.

Dessa maneira, os nomes – pseudônimos – escolhidos e que identificam, no âmbito desta pesquisa, os professores-leitores participantes que já estavam em serviço são: Fermina¹; Ana²; Gabriela³; Conceição⁴; Policarpo Quaresma⁵; Florentino Ariza⁶ e Lídia⁷. Os professores licenciandos, pertencentes aos cursos de licenciatura da UFT são: Úrsula⁸; Catarina⁹; Elizabeth¹⁰; Martim¹¹; Carolina Maria de Jesus¹² e Basílio¹³.

A entrevista semiestruturada consistiu em nosso principal instrumento metodológico de geração de dados para a efetivação do estudo. Para isso houve a preparação meticulosa de um roteiro previamente elaborado com perguntas principais. Especialmente nossa intenção com a aplicação da entrevista semiestruturada esteve, sobretudo, relacionada a conhecer o máximo de particularidades da relação que os leitores dissessem estabelecer com a leitura literária, adentrando em suas histórias de formação enquanto leitores, especialmente literários, com o intuito de evidenciar suas características, influências e (des)encontros desse processo.

Como recorte para este artigo trazemos nossas análises a respeito das características que foram enunciadas pelos participantes de pesquisa como sendo aquelas que definem um leitor. Essas características foram enunciadas mediante dois questionamentos: **1. Em sua opinião o que é um leitor? 2. Você se considera um bom leitor? Por quê?**

Isso posto, evidenciamos na seção que segue as teorias com as quais dialogamos e que fundamentam nosso gesto de análise.

Considerações sobre o Leitor e a Leitura

Em relação às nossas escolhas teóricas, um conceito fundamental em nossa investigação relaciona-se com o letramento literário, isso porque é a partir desse núcleo central que teremos noções basilares, quais sejam o leitor e a leitura.

O letramento literário, consoante o que nos ensina Graça Paulino (2005), é aquele que diz respeito à apropriação pessoal que se faz do texto literário de modo a vivenciar a experiência estética, fruindo-a. É apropriação que se dá também por meio da literatura enquanto repertório cultural que propicia uma forma particular (literária) de construção dos sentidos (PAULINO; COSSON, 2009).

A formação literária do leitor vislumbrada a partir desta perspectiva não obedece, cronologicamente, a limites definidos. Como um processo ela está todo o tempo em permanente transformação. O que se tem como certo é que o ser humano parece ter uma disposição natural em entrar em contato efetivo com o literário, aqui entendido com a arte, isso porque, desde cedo, esse vínculo articulava as várias dimensões do sujeito, quais sejam a sensorial, afetiva, intuitiva, lógica, imaginativa, intelectual, sensível, entre outras.

Ao mobilizar e articular essas dimensões, a arte apresenta-se, e aqui estamos no referindo à literatura, como uma categoria inerente à constituição do sujeito, como um modo específico de relação que vincula o homem ao mundo e a si mesmo.

Dentro desse escopo de entendimento, em seu livro *Aula* (1997), Barthes afirma que a

1 Referência a uma personagem da obra *O amor nos tempos do cólera* (Gabriel Garcia Marquez).

2 Referência a uma personagem do conto *Amor* (Clarice Lispector).

3 Referência a uma personagem do romance *Gabriela cravo e canela* (Jorge Amado).

4 Referência a uma personagem da obra *O quinze* (Rachel de Queiroz).

5 Referência a uma personagem do romance *O Triste fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto).

6 Referência a uma personagem do romance *O amor nos tempos do cólera* (Gabriel Garcia Marquez).

7 Referência a uma personagem do poema *Vem sentar-te comigo, Lídia, a beira do rio* (Ricardo Reis-Fernando Pessoa)

8 Referência a uma personagem da obra *Cem anos de solidão* (Gabriel Garcia Marquez).

9 Referência a uma personagem do romance *A megera domada* (William Shakespeare).

10 Referência a uma personagem do romance *Orgulho e preconceito* (Jane Austem).

11 Referência a uma personagem do romance *Iracema* (José de Alencar).

12 Referência a uma personagem do romance *Quarto de despejo* (Carolina Maria de Jesus).

13 Referência a uma personagem do romance *O Primo Basílio* (Eça de Queiroz).

literatura é um monumento cultural para a humanidade e que, se todas as disciplinas escolares, por qualquer razão fossem retiradas do currículo escolar, a literatura jamais poderia passar por tal exclusão, visto que ela, enquanto linguagem é, ao mesmo tempo, representação e não-representação; é, ao mesmo tempo, realidade e não-realidade; é, ao mesmo tempo, uma coisa e outra coisa, um saber e outro saber, espécie de muitos saberes organizados em uma só tessitura, em uma só poética.

Discutindo a questão do acesso à literatura, Antonio Candido em sua obra *Vários escritos* (2004) defende a opinião de que o homem necessita de bens que garantam não apenas sua sobrevivência física, mas também sua saúde psíquica. Entre esses bens, Candido indica a alimentação, vestuário, residência, instrução, saúde, direito a ter opiniões, crenças e ainda poder desfrutar da arte e da literatura. O autor considera a literatura como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” ou ainda, como “o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 2004, p. 242-243). Nesse sentido, todo indivíduo tem o direito a desfrutá-la, a conviver com o universo ficcional e, desse modo, a acessar a riqueza humana construída e registrada nos textos. Por isso, para Candido, a literatura é uma necessidade e um direito universal do homem:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p. 186).

Por isso, acreditamos que haja necessidade, também, que se pense e se problematize sobre quais seriam os aspectos ou elementos que entram em jogo na relação entre a leitura da literatura e a formação do leitor. Nesse sentido, procura-se priorizar a principal demanda do letramento literário – que é a prática da leitura literária –, uma vez que para além da tecnologia da escrita, ler hoje, no contexto complexo em que vivemos socialmente, se limita menos com o que fazemos, e se liga intrinsecamente ao que somos.

Isso posto, resta ainda considerar que o encontro que se dá entre o leitor e a leitura (e aqui desejamos focalizar, prioritariamente, a literária) é sempre um encontro singular, que encarna gestos, intenções, hábitos e práticas, dependentes do tempo, do espaço, dos suportes que oferecem os textos à leitura e das idiosincrasias e competências dos leitores.

Nessa direção e procurando aprofundar mais nossas discussões interessa-nos, ainda solidificar nossas problematizações, trazendo além dos estudos do campo do letramento literário, a semiótica discursiva por se coadunar com nossa proposta a partir da importância conferida à relação que se estabelece entre o sujeito (leitor) e o objeto estético (literatura).

Formulada a partir dos postulados erigidos em Algirdas Julien Greimas, a semiótica discursiva de linha francesa ou greimasiana, tem como foco a construção dos sentidos nos textos, considerando, portanto, o texto como um objeto de significação. Entre as ciências da linguagem, a semiótica se assume em sua natureza interdisciplinar. Um discurso ‘com vocação científica’ que tece contribuições oriundas da Linguística, antropologia cultural e fenomenologia (BERTAND, 2003).

O leitor, para a semiótica é um sujeito e não um mero decodificador (BERTRAND, 2003). Este está em constante conflito com o texto, conflito que pode ser entendido como um desejo de compreender, de concordar, de discordar. Conflito, enfim, no qual quem lê não somente capta o objeto da leitura, mas atribui sentidos, impregnando o texto com sua carga de experiência humana e intelectual.

[...] o leitor não é mais aquela instância abstrata e universal, simplesmente pressuposta pelo advento de uma significação textual já existente, que se costuma chamar “receptor” ou “destinatário” da comunicação: ele é também e sobretudo um “centro do discurso”, que constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita significações (BERTRAND, 2003, p. 24).

Dentro dessa perspectiva conceitual, percebemos que letramento literário e semiótica estabelecem pontos de contato. Isso porque o letramento literário parte da premissa que é imprescindível ao professor, enquanto indivíduo e como profissional, se constituir como leitor, estabelecendo uma relação sensível com a leitura. Ser leitor é se apropriar do literário enquanto arte por meio da leitura, pressupondo para isso levar em consideração o caráter complexo e dinâmico desse processo que nos acompanha e envolve desde o nascimento, transformando-se a cada novo contato com o universo da literatura, sem se restringir ao ensino formal. Por isso, a construção do leitor é, portanto, uma (re)construção constante com o ato de ler, a linguagem, é, pois, aqui entendida como capacidade eminentemente humana e mediante a qual os indivíduos se constituem como tais.

Da mesma maneira, ao considerarmos que o sujeito leitor é um indivíduo plural, e que emergem diferentes vínculos com a leitura a depender dos momentos dos textos, das circunstâncias de leitura, bem como das finalidades que lhe são designadas, *já estamos, mesmo que implicitamente*, pelos caminhos que a semiótica problematiza e dialoga com o letramento literário, em termos de entender, por exemplo, que para os diferentes modos de ler, ao longo da trajetória de vida, entendendo, de igual modo que a subjetividade é inevitável no ato da leitura e da construção dos sentidos.

Nesse solo, quando assumimos, tendo em vista a efetivação do letramento literário do indivíduo, que é importante incentivar e desenvolver formas de apreensão do estético por meio do que é sensório, de modo a aguçar a capacidade de percepção estética do leitor, na verdade, já estamos dialogando com as contribuições da semiótica.

Características e perfis de leitores

Nos deteremos a partir de agora na análise a respeito das características que foram enunciadas pelos participantes de pesquisa como sendo aquelas que definem um leitor. Essas características foram enunciadas no decorrer da realização da entrevista semiestruturada mediante dois questionamentos: **1. Em sua opinião o que é um leitor? 2. Você se considera um bom leitor? Por quê?**

Cumpramos esclarecer que no contexto desse estudo estamos entendendo característica como o traço definidor ou peculiar que os informantes da pesquisa destacaram como constitutivo de um leitor. Com essa finalidade identificamos e analisamos o conceito de leitor que emerge dos discursos docentes.

Entendemos que discutir as características de modo a refletir seus conceitos e seus atos perante a leitura é também, em grande medida, tentar compreender os mecanismos e recursos dos quais os docentes se valem de oportunidades de leituras literárias, compreender que sentidos são por eles atribuídos aos costumes, às preferências e à importância do ato de ler ao longo de suas trajetórias.

Por esse caminho, é preciso focar o ato da leitura literária e o desenvolvimento do indivíduo com a linguagem escrita e conceber o leitor enquanto sujeito ativo nesse processo, mas partindo do seu cotidiano, de seus modos de lidar com a leitura, buscando e recompondo caminhos e ações que privilegiem a relação com a leitura.

Desse modo, nos deteremos aos conceitos de leitor enunciados pelos participantes da pesquisa, analisando como eles caracterizam um leitor. Para isso, as demandas do letramento literário, em interlocução com algumas contribuições advindas da semiótica discursiva, visando a formação de leitores nos alicerçam em nosso gesto de análise.

Ao enunciar sua concepção de leitor, o acadêmico **Basílio** faz emergir a imagem de um leitor literário como “alguém que já leu muita coisa, só é um leitor porque ele já leu algumas coisas, mas ele ainda quer, PRECISA ler mais. Todo leitor acha que não leu o suficiente, que precisa de mais e mais”.

Pelo que afirma Basílio, o leitor literário se caracterizaria como um indivíduo em que tudo para ele muda ou está em constante processo de mudança ou aperfeiçoamento. Ser leitor, para Basílio, sinaliza não para o simples processo de apropriação de um dado significado, mas para uma visão crítica caracterizada como um projeto que se concretiza na leitura enquanto busca.

Acenando nesta mesma direção, o professor **Policarpo Quaresma** relata que em sua opinião um leitor “É aquele que não só lê, mas também constrói sentidos de acordo com suas finalidades e os textos com os quais interage”.

Desse conceito percebemos, em nosso entender, emergir uma figuração de leitor que se coaduna com os inúmeros modos de ler, implicando na constatação de que o leitor é um sujeito plural, que se altera e seleciona caminhos diferenciados a partir dos textos com os quais se relaciona.

Por esse perfil, o sujeito e os seus modos ler não são estáticos, nos remetendo ao que Silva e Melo (2015a) afirmam sobre o que é um leitor, uma vez que “não se pode pensar que o sujeito é sempre o mesmo e lê do mesmo modo, com a mesma entrega, os diferentes textos, mas um sujeito que é plural (ainda que não ideal), pois se multiplica e se diferencia em distintas performances a partir das diferentes demandas do que se dá a conhecer” (SILVA; MELO, 2015a, p.124).

Ao ser indagada sobre ‘o que é um leitor’ **Elizabeth** nos relata que na tarde do dia da realização da entrevista, quando conversava com sua mãe observa que próximo a elas havia “uma senhorinha vendendo água de coco”. A cena chama a atenção de Elizabeth pelo fato de que a vendedora de água de coco estava com um livro nas mãos, lendo-o. Mais ainda, que a senhora estava tão envolvida, entregue à leitura

[...] lendo com tanto gosto, que chegou um cliente para comprar água de coco, e ela não percebeu, entendeu? ” (Informante Elizabeth).

Compreendemos que essa ideia de entrega e necessidade figurativa o conceito de leitor apontado pela acadêmica em sua entrevista, como destacamos a seguir:

Um leitor (+) é uma pessoa que: como se diz (+) não lê só para adquirir informação, embora isso também seja importante... Mas leitor mesmo, acredito que é alguém que está ali porque **gosta de ler. Alguém que lê todos os dias.** [...] aquela pessoa que amanhece e já vai lendo, essa pessoa tem necessidade né? [...] um leitor é alguém que não importa o lugar onde TÁ, entendeu? Ele foca e aquele momento é só dele, ele e a leitura. E ele se delicia (Informante Elizabeth).

Por essa configuração erigida por Elizabeth que evidencia um sujeito absorvido pela leitura, (“aquela pessoa que amanhece e já vai lendo, essa pessoa tem necessidade [...] um leitor é alguém que não importa o lugar onde TÁ”) compreendemos a partir de Eliana Yunes (1995) que a leitura literária enquanto ato complexo demanda o acionamento tanto da imaginação, da afetividade como do raciocínio. Razão e sensibilidade são mobilizadas simultaneamente. É o sujeito todo que se comove para entender o outro e, assim fazendo do ato de ler uma forma de compreensão de si mesmo.

Reiterando a ideia de que um leitor é um indivíduo que gosta de ler, ao trazer sua opinião sobre “o que é um leitor”, a docente **Conceição** remete a um indivíduo que se caracteriza pela

[...] **procura o texto literário para SE envolver** [...] por exemplo, como quando você chega em casa, [...] cansa: da e você quer relaxar, [...] coloca aquela música que te deixa relaxada [...] Eu vejo que a relação que a gente estabelece com a literatura é semelhante. É você procurar um livro para te fazer sentir prazer. [...] para aliviar de alguma forma o teu cansaço. **Eu vejo um leitor literário como essa pessoa que tenha a vontade de procurar um texto literário, como uma estratégia de tentar se desvencilhar das coisas duras da vida rsrs e tentar (+) eh: viajar, né.** Eu vejo a leitura literária como uma forma de viajar. Pra mim, é isso (Informante Conceição).

Pelo que que Conceição afirma acima, temos uma designação de leitor muito próximo ao que Barthes (2010) denomina como leitor de fruição, e nesse aspecto, remonta ao prazer oriundo do contato que envolve também a dimensão passional do indivíduo.

Por esse viés, segundo a Semiótica, o leitor teria em sua relação com o texto uma junção em busca da fruição e isso ocorreria mediante a percepção das características estéticas do objeto leitura como sendo capaz de promover esse prazer. E tomando a concepção de leitor para a semiótica, já discutida anteriormente, podemos afirmar que tal relação se articula a partir de um 'querer' de conjugação do sujeito com o objeto. A relação entre o sujeito e o objeto é modalizada pelo 'querer': o texto literário é um objeto desejável para o sujeito leitor, atraindo-o como forma particular de interação que lhe possibilita intervir na linearidade da vida, criando escapatórias que lhe permitem programar o cotidiano para atingir um estado de perfeição, uma vez que essa rotina consome e dessemantiza a vida, com suas repetidas imperfeições ("É você procurar um livro para te fazer sentir prazer. [...] para aliviar de alguma forma o teu cansaço").

Por seu lado, para a docente **Gabriela** um leitor é um sujeito que

[...] se reconhece (+) dentro de cada leitura literária que ele faz. Ele se encontra a partir 'DE'. (+) ou ele se encontra para se construir, para se destruir, ou para se reconstitui (Informante Gabriela).

Entendemos que essa figuração de leitor feita por **Gabriela** sinaliza para o conceito de leitura como uma forma de [sobre]vivência (PETIT, 2008). Assim, a leitura é para o leitor uma forma de decifrar a própria existência. Seria o texto que "lê" o leitor, de certa maneira é ele que o revela; e o texto saberia muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não conseguiria designar. O leitor se encontra a partir do texto que lê (PETIT, 2008).

Ao compartilhar conosco seu conceito de leitor, **Catarina** confere ênfase a um indivíduo com um livro na mão e que vivencia a experiência da leitura por diversas vezes. A seguir um excerto de sua entrevista que confirma essa afirmação.

Ah! um leitor é aquele... [...] aí tem várias questões! Primeiro, **leitor é alguém que lê, que sempre tá com um livro na mão. Leitor não é aquele que lê o livro apenas uma vez, ele sente necessidade de ler de novo, e de novo, de reviver a mesma emoção [...] um leitor é aquele que lê o livro mais de duas vezes.** O leitor é aquele que sabe identificar a crítica, sabe identificar a ironia, sabe identificar algo a mais, sabe buscar algo a mais. Sabe ler o livro nas entrelinhas, sabe ler além das entrelinhas! (Informante Catarina)

Essa configuração de leitor apresentada por Catarina faz emergir uma cena de leitura narrada por Ricardo Piglia (2006) e a figurativização emblemática, por vezes idealizada, de um leitor com um livro na mão. Esse perfil de leitor é segundo Piglia (2006, p. 25) "[...] inquietante, ao mesmo tempo estranho e familiar, na imagem concentrada de alguém que lê, uma misteriosa intensidade que a literatura fixou inúmeras vezes. O sujeito se isolou, parece "separado do real" (PIGLIA, 2006, p. 25).

Além disso, temos aí a projeção de uma imagem idealizada e por vezes assumida univocamente pela instituição escolar na qual é privilegiada, principalmente, pelo reconhecimento das astúcias da linguagem, pelo domínio dos aspectos estilísticos no ato de ler. Um leitor que saberia "[...] identificar a crítica, sabe identificar a ironia, sabe identificar algo a mais, sabe buscar algo a mais [...]".

Nesse sentido, é importante evidenciar como questão a ser ponderada que esse conceito de leitor pode sinalizar para uma prática que se utiliza da literatura apenas como uma estratégia para o ensino. Ainda que não caiba no escopo desse trabalho, evidenciamos nossa

intenção de não cair no reducionismo instrumental ao considerar a leitura literária apenas uma ferramenta para o desenvolvimento de competências que se identificam com a compreensão das estruturas lógicas para apreender de qualquer maneira um texto.

Essa natureza de abordagem pode implicar, também, no que Magda Soares (1999) denominou de escolarização *inadequada* que contribui para o falseamento, a distorção da literatura, uma vez que esvazia o texto literário de seu potencial, congelando-o, por exemplo, em definições e classificações que concorrem para afastar o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou mesmo aversão.

Ressalta-se ainda em relação ao perfil de leitor que Catarina nos apresenta que seu estatuto remete a um indivíduo que “[...] sente necessidade de ler de novo, e de novo, de reviver a mesma emoção [...] um leitor é aquele que lê o livro mais de duas vezes [...]” (Informante Catarina). Nesse sentido remetemos à Semiótica no intuito de nos alicerçarmos e compreender a experiência da repetição do ato de ler por meio da noção de hábito compreendido como um fazer que se repete e “que produz um tipo específico de contato entre o sujeito e o que ele faz” (OLIVEIRA, 2004, p.15).

Assim, a releitura para o leitor teria o sentido de uma espécie de revelação de algo ainda não percebido no conhecido, de um novo sabor do mesmo. Por esse viés um leitor desenvolveria essa natureza de regime, sobretudo, pelo hábito de ler como prática frequente, isto é, a leitura como algo familiar, acostumando-se ao sentir desencadeado pela mesma natureza de arranjo, “o sujeito se familiariza com ele e o seu querer senti-lo, de novo, é a volição que o faz praticá-lo uma outra vez e de modo igual (OLIVEIRA, 2004, p.12).

Já o conceito de leitor que a professora-leitora **Lídia** enuncia, guarda estreitas relações com o que se pode dizer sobre a literatura enquanto imprescindível à satisfação de necessidades básicas do indivíduo. Cremos que o excerto abaixo exemplifica o que acabamos de afirmar:

Meu Deus do céu! Rsrtrs. ((Pondo as mãos à cabeça)) Olha, pra mim, [...] ser leitor, é: (+) ser vivo. [...] do mesmo jeito que preciso eh, me constituir enquanto pessoa, preciso de respirar, de sentir, de viver, de olhar pro mundo, é desse jeito que **eu preciso da leitura na minha vida. Não existe uma diferença entre meu SER e meu-ser-leitor. É a MESMA coisa.** Não existe diferença entre eu ser Lídia e ser Leitora. É a mesma coisa. É uma necessidade visceral (Informante Lídia).

Como se pode observar, o conceito mobilizado pela docente faz referência à literatura pelo viés que ressalta o caráter humanizador da literatura. Antonio Candido é geralmente apontado como o crítico, talvez mais conhecido e que chama a atenção para esse papel formador de personalidade prefigurado pela literatura, e, portanto, a leitura literária. Desse modo, sujeito leitor e leitura se fundem, são indistintamente a mesma coisa (não existe diferença entre eu ser Lídia e ser leitora).

A mesma necessidade que o indivíduo tem de se alimentar, de ter um lugar para morar, roupas para proteger seu corpo, saúde, amparo social, enfim, é idêntica à necessidade humana da arte. Trata-se da necessidade diária de “fabulação/ficção” que, segundo Candido, não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado” (CANDIDO, 2004, p.118). Por isso, sentimos a necessidade de mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura (no sentido amplo dado nesse texto) “parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 2004, p. 112).

O professor **Florentino** ao enunciar seu conceito de leitor o faz apontando as seguintes características:

É um sujeito que é aberto para todos os tipos de percepções literárias rsrs (+), e aqui eu estou me voltando para o leitor literário, né? Aquele [...] que não lê somente uma obra (+) é:: escrita, legitimada, é:: impressa, é:: mas [...] que estar atento a todas as manifestações multimidiáticas que há, e que o

mundo hoje, (+) as novas tecnologias apresentam, que a vida demanda também. Então, um leitor literário é aquele que senta e abre um livro e aí se debruça sobre ele (+), no manuseio das páginas, no contato mesmo com a materialidade das páginas, e na relação, mesmo, tátil com o livro (+) e isso é maravilhoso, né? Mas um leitor, precisa ir além, não precisa ficar só nessa definição, né, um leitor precisa ir além, assim, ser leitor é olhar para todos os tipos de textos, verbais e não-verbais, e ler, se identificar né, fruir (Florentino Ariza).

No que diz respeito a um indivíduo que tem familiaridade com o ato de ler, a concepção de leitor sinalizada no depoimento de Florentino dialoga, em grande medida, com as caracterizações apontadas anteriormente pelos demais participantes. Observamos, no entanto, que Florentino destaca outros aspectos que fazem emergir a configuração de leitor contemporâneo, mencionada por Ricardo Piglia (2006). Aquele que se encontra perante o infinito e a proliferação. Não o leitor que lê um livro, mas o leitor “perdido numa rede de signos”. Uma caracterização que remete a um leitor disperso na fluidez e no rastreamento e que tem diversas formas de manifestação da leitura a sua disposição na sociedade contemporânea. Interação de modos diversos conforme a apresentação das novas tecnologias. Ressalta-se ainda dessa caracterização de leitor de Florentino o aspecto sensorial pertinente ao contato tátil com o livro enquanto objeto, “contato mesmo com a materialidade das páginas, e na relação, mesmo, tátil com o livro”.

Por seu lado, **Carolina Maria de Jesus** nos apresenta sua concepção de leitor, pontuando no decorrer da entrevista que:

[...] Eu participo de movimento estudantil e milito na questão LGBT, milito na questão do movimento negro, então a leitura de algumas obras, como, por exemplo, da Carolina Maria de Jesus, me mostrou um pouco do que foi, e ainda é, a realidade de uma mulher negra naquele ano que ela viveu [...] (Informante Carolina).

Assim, o acadêmico demonstra entender que ser leitor é também uma questão de resistência, que o ato de ler se projeta para a defesa de seus ideais, de emancipação e consolidação de projetos futuros. Essa imagem de um leitor militante, que tem o auxílio da literatura para enfrentar as adversidades, buscando por meio da leitura a solução dos conflitos que enfrenta, conforme Petit (2008), nos ensina pode ser constada no fragmento da entrevista de Carolina transcrito abaixo:

[...] em primeiro lugar [um leitor] é alguém que gosta de ler. Alguém que gosta, **que aprendeu a gostar**, que compreende e **que usa a leitura**, aquilo que lê **para sua vida**, consegue trazer para o presente e projetar o lido futuramente, e **que transmite isso**, né, porque eu acho que **só você ler e guardar para você, creio que, esse não é o papel do leitor**. Acho que tem que ler e tem que mostrar isso para as outras pessoas. Um leitor tem sempre um posicionamento político e a literatura ajuda nisso [...] porque dá isso pra gente lutar. Como a Carolina Maria de Jesus [...] (Informante Carolina).

Já a professora **Fermina** ao compartilhar conosco sobre as características de um leitor, faz remeter à sua subjetividade de leitora, bem como à fluidez e diversidade dos modos de ler numa sociedade contemporânea marcada pela dispersão e acúmulo dos modos de interação.

Vejamos o trecho da entrevista que a docente que contribui para compreender o que estamos afirmando.

[...] Um leitor literário [...] além de envolver a subjetividade [...] eu acredito também que o leitor literário hoje é alguém que usufrui e se conecta em contextos diversos – quer seja num fragmento de poema postado face ou compartilhado no WhatsApp – com a literatura. Muitas vezes, parte do fragmento para se encontrar com o texto em sua integralidade ou frui apenas o fragmento também. E por que não? Rsr acho que **temos que olhar o leitor literário com os olhos da contemporaneidade.** [...] (Informante Fermina)

Fermina traz em seu comentário acima transcrito uma visão multifacetada, talvez menos ortodoxa, de caracterizar um leitor. Ela destaca a fluidez da contemporaneidade e figuratiza um perfil de leitor literário moderno, atual. Considerando que um leitor constrói sentidos e se forma, também, por meio das mídias digitais, pelo *click* nas redes sociais. Dessa maneira, a demanda das novas tecnologias e a velocidade da informação, não se reflete em nosso cotidiano somente, na velocidade em que circulam as informações e produtos, mas também na imposição de novos modos de incorporação e novas formas de aproximação seja dos bens culturais, da leitura para a construção dos sentidos e do livro, que nesse novo contexto tem formas diferenciadas de aproximação.

A leitura não seria determinada apenas por uma forma física do livro, mas também pela fluidez que marca a sociedade contemporânea com as demandas tecnológicas da atualidade. Assim,

Há o que ler nos livros, nas cartilhas, mas também nos muros e nas lições apreendidas na relação com outros sujeitos. Ler é verbo transitivo que pressupõe distintos objetos, a demandar diferentes saberes para um sujeito em constante aprendizado [...] (SILVA; MELO, 2015b).

Procurando encaminhamentos para um gesto finalizador de nossa análise, cumpre ponderar, no entanto, que nas concepções de leitores enunciadas pelos docentes participantes deste estudo reverberam, ainda que implicitamente, discursos que teorizam sobre o leitor exemplar, isto é, um leitor como abstração ou finalidade enquanto efeito de sentido no texto em si.

Com isso queremos dizer que do lugar de onde se enuncia ‘o que é um leitor’ (isto é, do ‘dizer’ dos professores-leitores), é espaço de reflexão. Alguns professores mesmo afirmando serem leitores, muitas vezes têm dificuldades para se assumirem como ‘bons leitores’ pelo fato de seu discurso ecoar o que aprendeu (na escola, na academia) sobre o que deve ser considerado o perfil de ‘bom leitor’, de leitor idealizado (ou modelo).

Desse modo, vejamos algumas das respostas à pergunta: ‘você se considera um bom leitor?’. Os trechos transcritos a seguir mostram essa natureza de ponderação que estamos mencionando.

O licenciando **Martim** refere que não se considera um bom leitor pois um bom leitor deve conseguir interpretar plenamente o que o texto quis dizer

[...] tenho dificuldades sobre isso e o [...] naturalismo [estética literária] as vezes se mostra igual à literatura contemporânea [...] (Informante Martin)”.

Pelo que enuncia **Martim** faz emergir o conceito de *leitor* que deve ser capaz de perceber, identificar e apontar determinadas características esteticamente relevantes em um determinado texto (COMPAGNON, 2012). Somado a isso, a menção feita pelo professor de que um “bom leitor deve conseguir interpretar plenamente o que o texto quis dizer” nos leva ao

perfil de leitor idealizado. Observa-se, nesse sentido, a leitura entendida como uma espécie de reconstrução da ideia do leitor que se formou na mente do autor, o que se pode construir com base nessa apreensão é um aspecto do papel do leitor no texto.

Também acenando nessa direção, a licencianda **Catarina** demonstra-se reticente ao se caracterizar como 'boa' leitora, afirmando que é preciso

[...] **sabe ler o livro nas entrelinhas, sabe ler além das entrelinhas!** [...] Na verdade, seria um **leitor** que não é, vamos dizer, **raso**. Porque há aquele leitor que ele lê como, minha prima, vamos dizer assim. Minha prima lê muitos livros, ela **é uma devoradora de livros, mas as leituras dela são rasas, não são textos profundos, sabe?! Ela não lê Dostoiévski**. Eu acho que a leitura clássica que ela mais gosta é Jane Austen (Informante Catarina)

Pesquisadora: me fale mais sobre esse leitor raso... de Jane Austen por exemplo...

Catarina: Sim, que lê só por ler. Lê porque porque o autor é conhecido, porque viu um filme, porque alguém indicou. Mas há **aqueles que lêem por causa dos recursos, porque sabem identificar a maestria da escrita, sabem perceber que ali tem algo mais que uma história** de amor. Por exemplo, Dom Casmurro, o leitor raso vai falar que a conclusão é que traiu ou não traiu, mas o leitor, o leitor mesmo, vai perceber algo mais, vai perceber que o Bentinho é um fraco, que a Capitu é constituída a partir da visão do Bentinho. Que é uma mulher, o que dá a entender através da palavra do Bentinho é que é uma mulher bem decidida, é senhora de si. Mas qual a visão que a gente tem da Capitu? A do Bentinho! **E um bom leitor vai perceber isso**. Talvez conjecturar algum trauma do Bentinho, alguma questão que ele foi adiando, esse leitor fará, talvez um intertexto, ou efetuar uma relação com outro livro, e outro. Fazer essa literatura comparada, talvez (informante Catarina)

Quando perguntamos a **Catarina** se ela mesma se considerava uma boa leitora, nos responde que não, pois "Creio que tenho algumas faltas, me falta percepção".

Como se observa nos trechos transcritos acima, pelo que enuncia Catarina, um sujeito para ser caracterizado como 'bom' leitor deve saber ler nas linhas, nas entrelinhas, além de ser capaz de analisar personagens e situações diversificadas, senão complexas. Emerge, assim de seu relato o leitor idealizado, o qual se revela culto e erudito pelo reconhecimento de algumas leituras tidas como legitimadas. Em oposição ao leitor "raso", o bom leitor – o leitor em profundidade – que seria apreciador e consumidor da produção literária de Dostoiévski, dos contos de Machado de Assis e também da obra de Shakespeare, Gonçalves Dias, Camões, entre outros citados no decorrer da entrevista.

Acreditamos que além de fazer ouvir os ecos das teorias estudadas na graduação em Letras, Catarina manifesta uma exigência social representada na leitura docente. Por esse viés um bom professor-leitor, para gozar de prestígio social, e ser considerado um leitor contumaz deve adquirir um repertório de leituras amplas e clássicas, arregimentando também competências para uma leitura "profunda".

Cumpramos ponderar, ainda nesse sentido, que essa natureza de idealização de um perfil de leitor exemplar pode contribuir negativamente para a visão fechada de leitor, não a concebendo como construção social, imbricada por uma série de elementos, muitas vezes, externos ao próprio querer do sujeito.

O que estamos querendo com isso é remeter à constatação de que muitos indivíduos,

sejam eles professores ou não, não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores, e, às vezes, uma caracterização que se encaminha para uma direção supra idealizada pode favorecer a um pensamento de inatismo ou mesmo vocação para o hábito da leitura. O que se configuraria, a nosso ver, num equívoco a ser evitado.

Pensemos, nesse sentido, no que afirmou João Luís Ceccantini (2009) em seu texto *Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura* ao ressaltar que necessitamos deixar de lado a visão ingênua de que o hábito da leitura se relaciona a um caminho espontâneo e natural, o qual se percorre apenas pelos meandros de uma espécie de “queda”, de dom inato ou inclinação natural para essa atividade.

Desse modo, não alcançar um devido patamar de leituras legitimadas pode favorecer, também a um pensamento de deficiência pessoal o que, na verdade, cremos, provém de âmbito mais amplo. Entendemos que na formação de um ‘bom’ leitor entra em jogo, uma diversidade de influências e elementos que não devem ser subsumidos unicamente pelo tipo de leituras que ele efetiva.

Como temos tentado evidenciar por meio desse estudo, alguns leitores tiveram sua formação favorecida e influenciada por circunstâncias familiares, ou escolares, quando não, por ambas. Às vezes uma única influência faz a diferença, a exemplo do ocorrido com alguns dos participantes desta pesquisa. Há aqueles que se tornaram leitores apesar de todas as circunstâncias para não sê-lo. Seja de um modo ou de outro, cada um possui sua própria história de leitura, configurada na relação que mantivemos, a partir da infância, com os livros, com a escola, com os professores, enfim, com o mundo que nos cerca. Entender que são diversos e múltiplos esses aspectos que entram em jogo nessa relação é de fundamental importância para se formar outros leitores.

Por essa mesma perspectiva, também a professora **Ana** afirma que não se considera uma boa leitora porque

Olha, eu gosto da leitura. Ela me seduz, mas eu acho que eu estou um pouco aquém do meu conceito de bom leitor. Eu gostaria talvez de ler mais. Mas:: aquilo que:: (+) eu separo a leitura daquilo que eu preciso ler, e daquilo que me dá prazer em ler. Eh:: ultimamente, os últimos anos, eu li mais aquele que eu precisava. E depois de terminar a dissertação, eu fiz algumas leituras, assim, (+) daquelas as quais você não precisa pensar muito em termos de teoria, mais leitura como forma de relaxar. Mas das leituras mais informais eu sou uma leitora ávida, de sites, de jornais, revistas, eh::, sou uma curiosa, tudo que eu pego, leio. Mas dentro da literatura clássica, eu acho que deixo a desejar (Informante Ana).

Entendemos que esses achados de pesquisa dialogam também com Batista (1998) ao se referir às práticas escolares de leitura a que os professores foram expostos, acentuando o caráter da leitura que focaliza “a dimensão educativa do ler na escola” aqui representado no ato de ler a literatura clássica ou canônica. Além disso, o aspecto valorativo para ser um bom leitor se encontra em algo que não na leitura mesma, mas na apreciação social e cultural que tais textos legitimariam.

Desse modo, observamos nos depoimentos de alguns professores participantes, além desses direcionamentos, que atribuímos a ecos de discursos que teorizam sobre o leitor exemplar, a referência associada a alguém que lê muito, quantitativamente falando. Vejamos:

Não sei se sou boa leitora não [...] acho que não [...] rsrs porque não leio a quantidade que precisa, sabe? Acho que pra ser um bom leitor teria que ler mais. [...] um monte de leituras que não tive nem tempo nem maturidade o suficiente para fazer até hoje. O que me falta é isso: é (+) quantidade [...] (Informante Elizabeth)

Sinalizando numa direção oposta a essa caracterização de leitor que determina a leitura de clássicos, ou sinaliza para a quantidade de obras a serem lidas, trazemos a seguir, para encerrarmos nossa análise, os depoimentos do professor **Florentino** e da docente **Lídia**, que num clima descontraído e bem-humorado pontuam, que sim, se consideram bons leitores.

Qual a pergunta? rsrs **Me considero sim, presunçoso rsrs mas eu me considero sim. Eu gosto de ler, eu amo leitura**, meu *hobby* é ler, não gosto de:: de praticar esportes, é claro que corro e faço caminhadas de vez em quando, mas em momentos vagos eu prefiro a leitura, **se possível passo o dia todo lendo**, né. **Na cabeceira da minha cama hoje tem uma obra literária, que eu sempre costumo ler a noite**, pelo menos uma vez, aí vou lendo aos poucos rsrs (Informante Florentino).

Eu:: (+) eu não diria que eu sou uma boa leitora. **Eu diria que eu sou uma leitora ÁVIDA**. E (+) eu acho que (+) toda a avidez, ela é digna de, de ser boa. No sentido daquilo que a gente não quer perder nenhuma gota, aquilo que a gente SUGA, aquilo que a gente (+) tem uma necessidade imENSA por prazer, eu estou falando do PURO prazer do querer, sabe, sem absolutamente NADA em troca! Eu estou falando de uma pessoa que tem uma mãe analfabeta que nunca cobrou ela de ir para escola, né. Eu estou falando da avidez da VIDA. Então assim, se ser ávida pela literatura, se buscar por prazer, e ter prazer na busca, for ser uma boa leitora, então eu sou uma boa leitora rsrs (Informante Lídia).

Finalizando, ainda reiteramos a partir dos depoimentos desses docentes para os quais as características que definem um bom leitor parecem estabelecer íntima relação com o que preconiza o letramento literário, ou seja, como um processo de apropriação da leitura literária enquanto construção literária de sentidos. Por essa caracterização, é dar evidência ao caráter dinâmico e contínuo desse processo que acompanha o leitor desde o seu nascimento, transformando-se a cada novo contato com o universo da literatura, sem se restringir ao ensino formal.

Apesar disso, ressaltamos que há muito ainda que ser explorado no que diz respeito à caracterização do leitor e que é fundamental conhecer as representações de leitor presentes no interior de grupos de sujeitos que além de serem leitores, estão inseridos num contexto em que as demandas por formar outros leitores é parte indissociável de suas vidas, ou seja, de suas profissões.

Considerações Finais

Mediante um recorte de pesquisa de natureza interdisciplinar, o artigo colocou em diálogo o campo do letramento literário com algumas contribuições da semiótica discursiva afim de descrever e analisar as características enunciadas pelos participantes como definidoras de um leitor.

Tendo isso em consideração e a partir da análise dos dados gerados durante a pesquisa, tanto bibliográfica quanto de campo, é possível concluir, dentre outros achados de pesquisa já discutidos, que são diversos e complexos os elementos que entram em jogo no ato de ler. Por isso, investigar a relação que professores estabelecem com a leitura literária, é ter em vista que esse é um tema multifacetado, seja por sua natureza processual, seja porque envolve uma apropriação por parte de um sujeito, configurando-se, pelos entrecruzamentos de subjetividades. De modo semelhante às características dessa relação, pois a análise demonstrou que são marcadas por diversos pontos de reflexão.

Dessa maneira, no que diz respeito às características que definem um leitor de litera-

tura, consoante a análise e discussão dos dados emergiu configurações de leitores que os caracterizam como um indivíduo marcado pelo trânsito, isto é alguém em constante processo de construção e aperfeiçoamento. Ser leitor sinaliza, portanto, para um processo de apropriação e visão crítica caracterizada como um projeto que se concretiza mediante a leitura enquanto busca. Nesse sentido, indo ao encontro das demandas previstas pelo letramento literário na formação do leitor.

Outra característica evidenciada nesse sentido se relaciona com uma figuração de leitor que se coaduna com os inúmeros modos de ler, implicando na constatação de que o leitor é um sujeito plural, que se altera e seleciona caminhos diferenciados a partir dos textos com os quais se relaciona. Uma configuração que reitera que o leitor, bem como seus modos de ler não são estáticos, e, portanto, “não se pode pensar que o sujeito é sempre o mesmo e lê do mesmo modo, com a mesma entrega, os diferentes textos, mas um sujeito que é plural (ainda que não ideal), pois se multiplica e se diferencia em distintas performances a partir das diferentes demandas do que se dá a conhecer” (SILVA; MELO, 2015a, p.124).

Recorrente no *corpus* desse estudo, a característica mais definidora de um leitor é aquela que remete para a necessidade do contato íntimo com a leitura, sendo que este contato é marcado pelo desejo de ler o texto. Configurando-se assim um leitor literário como aquele para “quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver” (RANGEL, 2007, p. 137-138). Um perfil de leitor para o qual “a leitura não é apenas uma prática, mas uma forma de vida” (PIGLIA, 2006, p.21). Assim o que mais frequentemente caracteriza esse leitor é o próprio ato de ler mediante uma leitura “que se realiza pelo desejo, pela espontaneidade, pela ausência de controles e satisfações devidas” (PAULINO, 2004 *apud* CORRÊA, 2007, p.72).

Essa característica remete também a uma designação de leitor que remonta ao prazer oriundo do contato que envolve a dimensão passional do indivíduo. O leitor teria em sua relação com o texto uma junção em busca da fruição mediante a percepção das características estéticas do objeto leitura como sendo capaz de promover esse prazer. Uma representação de leitor modalizada pelo ‘querer’: o texto literário é um objeto desejável para o sujeito leitor, atraindo-o como forma particular de interação que lhe possibilita intervir na linearidade da vida, criando escapatórias que lhe permitem programar o cotidiano para atingir um estado de perfeição (GREIMAS, 2002; OLIVEIRA, 2003; SILVA; MELO, 2015b).

Nesse movimento complexo das características que definem um leitor emerge cenas de leitura em que se tem a figurativização emblemática, por vezes idealizada, de um leitor com um livro na mão. Uma categorização de leitor “[...] inquietante, ao mesmo tempo estranho e familiar, na imagem concentrada de alguém que lê, uma misteriosa intensidade que a literatura fixou inúmeras vezes. O sujeito se isolou, parece “separado do real” (PIGLIA, 2006, p. 25).

Associada e contrastando com essa característica projeta-se nos discursos dos professores participantes uma imagem idealizada e por vezes assumida univocamente pela instituição escolar na qual é privilegiada, principalmente, pelo reconhecimento das astúcias da linguagem, pelo domínio dos aspectos estilísticos no ato de ler. Tal caracterização pode repercutir no que Magda Soares (1999) denominou de escolarização *inadequada*.

As características que designam um leitor como exemplar sinalizam para um contraste nos perfis de leitor, pois nas concepções de leitores enunciadas pelos docentes participantes deste estudo reverberam, ainda que implicitamente, discursos que teorizam sobre o leitor exemplar e que fazem emergir a visão de perspectivas que abordam o leitor como abstração ou finalidade enquanto efeito de sentido no texto em si. Mediante essa configuração alguns informantes de pesquisa mesmo se afirmando leitores, têm dificuldades para se assumirem como ‘bons leitores’ pelo fato de seu discurso ecoar um perfil de ‘bom leitor’, de leitor idealizado (ou modelo).

Esses resultados dialogam com outras pesquisas, remetendo às práticas escolares de leitura a que os professores foram expostos, acentuando o caráter da leitura que focaliza “a dimensão educativa do ler na escola” aqui representado no ato de ler a literatura clássica ou canônica. Além disso, o aspecto valorativo para ser um bom leitor se encontra em algo que não na leitura mesma, mas na apreciação social e cultural que tais textos legitimariam (BATISTA, 1998).

Consideramos, todavia, que há muito ainda que ser explorado no que diz respeito à caracterização do leitor e que é fundamental conhecer as representações de leitor presentes no interior de grupos de sujeitos que além de serem leitores, estão inseridos num contexto em que as demandas por formar outros leitores é parte indissociável de suas vidas, ou seja, de suas profissões.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. (Trad. Leyla Perrone-Moisés) São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **O prazer do texto**. (Trad. J. Guinsburg). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 78p.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **A leitura incerta: a relação de professores(as) de Português com a leitura**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 27, jul. 1998. Disponível em: <http://www.fundacaotidesetubal.org.br/midia/sugestao_leitura_274.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: Edusc, 2003.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos et al. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009. p. 207-232.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. (Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 292p.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. (Trad. Ana Cláudia Oliveira). São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MELO, Marcio Araújo de. **Entre livros, leitores e realidade**. Via Atlântica, São Paulo: n. 28, p. 161-176, dez. 2015.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves. Jornal e hábito de leitura na construção da identidade. In: **XIII encontro anual da associação nacional de programas de pós-graduação em comunicação**, 2004, São Bernardo do Campo. Produção de sentido as mídias, 2004. v. 1. p. 15-30.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga: Universidade do Minho, v. 17, n 1, p. 47-62. 2004.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia Mariza Kuchenbecker. (Orgs.) **Escola e literatura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. (Trad. Celina Olga de Souza) São Paulo: editora 34, 2008.

PIGLIA, Ricardo. **O último Leitor**. Tradução Heloisa Jahn. Companhia das Letras. 2006. 187p.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. MELO, Márcio Araújo de. O que pode o leitor? **Entreletras**: Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT, v. 6, n. 2 p. 120-132, Jul./Dez.2015b.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MELO, Márcio Araújo de. Em torno de o cego estrelinho: contribuições da semiótica para as reflexões entre literatura e história. **Fênix: Revista de História e estudos culturais**, v. 12, n. 1 p. 1-18, Jan./Jul.2015a.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Eliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 1999. p. 17-48.

YUNES, Eliana. **Pelo avesso: a leitura e o leitor**. Letras, Curitiba, n. 44, p. 185-196. Editora da UFPR. 1995.

Recebido em: 14 de agosto de 2020.

Aceito em: 28 de outubro de 2020.